

Revolução Cubana: Influências e Desdobramentos

Daniel Carlos de Souza¹

Resenha recebida em 15/10/2019 e aprovada em 27/11/2019.

Pautados em compreender as ressonâncias e significados da Revolução cubana, a obra coletiva organizada por Jean Sales, Rafael Araújo, Ricardo Mendes e Tiago Silva suscita em uma série de artigos o alcance das influências da revolução para as esquerdas latino-americanas e grupos conservadores da região ao longo das últimas seis décadas.

Dividido em três partes, “Revolução Cubana: Ecos, dilemas e embates na América Latina” apresenta em um primeiro momento uma série de temáticas relacionadas com o processo revolucionário cubano, além de seus respectivos desdobramentos e reformulação do sistema político-econômico produto de tal processo. Posteriormente, na segunda parte, é abordado a relação entre a imprensa e a o processo revolucionário. Seja no quadro de iniciativas de produção por parte revolucionária, seja na visão e influência da imprensa internacional sobre a Revolução, além é claro, da mutação de seus posicionamentos ao decorrer desta. Por fim, a terceira parte aborda como o processo cubano representou uma referência para as esquerdas latinas e inspirou revoluções. Cuba surgia para estas esquerdas como uma voz para além da experimentação encarnada na União Soviética, desta maneira, como uma nova forma de crescer uma visão de socialismo com raízes latino-americanas.

No primeiro capítulo, Ana Paula Calegari apresenta o desenvolvimento do Partido Comunista de Cuba (PCC) saindo de dentro de um contexto de clandestinidade para uma presença nos pleitos eleitorais, assumindo a *posteriori* o nome de Partido Socialista Popular (PSP). Atuando na legalidade apenas na Segunda República em diante, o partido participou de pleitos eleitorais e organizações sindicais tendo, porém, interferências pelas pressões internacionais decorrentes do contexto da Guerra Fria e o posterior golpe de Fulgêncio Batista. Ainda assim, grande parte das decisões de direcionamento tático do partido residia fortemente nas diretrizes apontadas pelos soviéticos. Desde 1935, o “frentismo” fora adotado como política para os partidos comunistas. Para estes, o caminho democrático seria uma esteira para uma ruptura nacional com os Estados Unidos, que junto com a consciência de classe das massas levaria ao socialismo. Tendo este partido criticado as práticas de guerrilha, seja por uma visão mais pacifista internacional ou por alegarem não representar a vontade das massas. Em suma, o PSP, por seguir cegamente as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), se tornou incapaz de compreender o contexto interno cubano, o que contribuiu para que este não conduzisse o processo revolucionário até sua culminância. A mudança de posicionamento passa a se modificar com o desenvolvimento do processo revolucionário, ao se enxergar o apoio das massas sobre tais movimentos de luta armada. Ao mesmo que mantinham uma base referencial ainda presente no ideal soviético, não abandonando táticas pacíficas, não recusaram uma leitura contextual e aberta a uma diversidade de táticas. Em quadro geral, fora tais

RESENHA DO LIVRO “REVOLUÇÃO CUBANA: ECOS, DILEMAS E EMBATES NA AMÉRICA LATINA”

DANIEL CARLOS DE SOUZA

aspectos conjunturais partes essenciais do desenvolvimento do PSP e sua respectiva virada de posição.

No segundo capítulo, Luiz Eduardo Mergulhão Ruas buscou trazer as formações e o papel da estrutura política na figura do Poder Popular, apresentando-a como uma forma diferenciada de democracia, assim como fonte de legitimação política. Dependente e influenciado diretamente pelo peso estadunidense, Cuba apresenta um contexto na primeira metade do século XX de progressivo controle da produção por empresas estadunidenses, caracterizando por uma sucessiva mudança de governos dotados de fraudes e influenciados pelos EUA. Desta maneira, tal problemática fora crucial para a ilha, de maneira que o momento entre a Revolução e a Cuba socialista fora marcado por uma variedade de projetos de sociedade em disputa.

Após as pressões estadunidenses e a sua recusa frente a possíveis processos de cunho nacionalista contrários a seus interesses, a Revolução acabou por se virar em direção ao socialismo. Neste cenário, as massas desempenharam um papel ativo tanto na derrubada de Batista como na radicalização do processo, de modo que se fomentou uma nova formação de participação política mais ativa do que aquela presente na antiga República. A formação do Poder Popular prosseguiu a partir deste quadro influenciado subsequentemente por duas linhas, de um lado o modelo soviético, forte naquele contexto, do outro, as singularidades autóctones da Revolução Cubana e de seu socialismo, desta maneira, construindo um socialismo de caráter híbrido. Assim, os líderes revolucionários buscaram organizar uma sociedade com forte diálogo com o povo, levando a uma maior participação na gestão do Estado socialista e, logo, uma maior democratização deste. Contudo, quando saía desta dimensão e ao chegar no poder central, os revolucionários acreditaram que era necessária uma centralização por meio de um unipartidarismo, por exemplo. Em suma, forma-se neste quadro planificado uma duradoura contradição entre uma verticalização do poder pela participação e uma centralização do poder central.

Julian Araújo Brito, apresenta no terceiro capítulo um momento de mudanças para Cuba, na qual Fidel Castro se afasta da presidência e seu irmão Raúl Castro assume, acompanhado com a chegada de mudanças nos âmbitos econômicos lançados durante o 6º Congresso do Partido Comunista. Reformas estas que buscavam uma maior abertura econômica gradual com o objetivo de manter um socialismo estabilizado, sendo estas produto de uma conjuntura pós crises econômicas dos anos 1990 e 2007, assim como da crise do bloco socialista. Brito aponta dois eixos para tais reformas. De um lado não se abriria mão da base socialista da economia, de modo a se manter o domínio da propriedade social sob os meios de produção fundamentais, assim como a distribuição de riqueza do setor estatal sob a diretriz da dimensão do trabalho realizado, não mais sobre um “igualitarismo” ou “paternalismo estatal”. Do outro, buscando ainda diversificar a estrutura de propriedade e seus atores econômicos. Em suma, buscava-se eliminar estruturas estatais que impediam o desenvolvimento, focando sob as questões internas e não mais olhando apenas para os fatores externos. Na 1ª Conferência Nacional do Partido, Raúl Castro ressaltara que para “salvar a Revolução” seria necessária uma reforma do socialismo, adotando características próprias de Cuba, além de uma mudança de mentalidade e superação de dogmas obsoletos. O que, contudo, não significava renunciar ao unipartidarismo, o que se considerava uma forma de abrir a porta para o imperialismo estadunidense.

RESENHA DO LIVRO “REVOLUÇÃO CUBANA: ECOS, DILEMAS E EMBATES NA AMÉRICA LATINA”

DANIEL CARLOS DE SOUZA

Na segunda parte do livro, em seu primeiro capítulo, Raphael Moreira Ferraz, apresenta a trajetória das posições que o órgão de imprensa “O Estado de São Paulo” deteve frente ao processo da Revolução cubana. Pautado no liberalismo, esse jornal inicialmente se mostrou a favor da Revolução, pois estes acusavam o presidente Fulgêncio Batista de ser um ditador. Influenciado em vários momentos pelo *The New York Times*, Ruy Mesquita, dirigente da seção internacional do jornal, chegou a classificar a revolução em Cuba como um grande evento a favor da democracia na América Latina. Contudo, tal encanto com a Revolução desmoronou-se ao passo que Castro se aproximou da União Soviética diante das maiores pressões dos Estados Unidos. Desta maneira, Cuba passa a significar um elemento de “desunião” na América e, assim, jornais que outrora apoiavam a Revolução passaram a tecer pesadas críticas frente a ilha caribenha. Portanto, é demonstrado a partir deste, um movimento de encanto e desencanto por parte da imprensa externa quanto a Revolução, dentro de um processo que ajudou a formar parte da opinião pública.

No segundo capítulo, Jacqueline Ventapane Freitas apresenta o desenvolvimento da *Agência Informativa Latinoamericana Prensa Latina*, o qual surgira quando o governo revolucionário buscou combater os fluxos de notícias relacionados a Cuba internacionalmente. Com a participação de figuras como Ernesto “Che” Guevara e Jorge Ricardo Masetti, a Prensa Latina se apresentou no campo da Revolução cubana como uma arma dentro do combate contra uma hegemonia imperialista das informações. Conseqüentemente, tal quadro formou um espaço de luta simbólica do próprio processo revolucionário. Mais ainda, era peça fundamental para a revolução pois permitiria o diálogo entre os guerrilheiros e a população. Porém, a Prensa Latina, com o tempo, sofrera pressões influenciadas pelos EUA, assim como cisões internas pela mudança de curso da revolução e o alinhamento desta com a URSS. Assim, produziu-se um sectarismo interno, provocando expulsões de elementos dissidentes como a do co-idealizador Masetti - e daqueles a ele relacionados-, o que paulatinamente tornou a Prensa Latina de um veículo alternativo com raízes latinas para um boletim do “PCC”.

No terceiro capítulo, Ricardo A. S. Mendes e Jacqueline Ventapane trazem à tona um conjunto de agências de imprensa que possuem influência na visão que o Brasil deteve em relação ao contexto internacional. De maneira que a forma que essas agências transmitem tais informações estava atrelado aos interesses do país ao qual esta pertencia. Neste quadro, o foco de análise se encontrara no acompanhamento da figura de um correspondente e importante figura da *Sociedad Interamericana de Prensa*, o norte-americano Jules Dubois. O SIP, adentra tal contexto como uma das principais organizações de transmissão de notícias na América, que formado em um formato pan-americano, fora paulatinamente vinculado com os interesses estadunidenses, de maneira que durante um Congresso no México em 1953, Jules Dubois articulara medidas que passaram a proibir a presença de agências de cunho comunista. Curiosamente, enquanto censuravam tais jornais em prol de uma defesa da liberdade, estes mantinham vista grossa quanto a periódicos de ditaduras. Dubois surge dentro deste quadro como um personagem com relações tanto com agências internacionais de notícia quanto com a CIA. Tal cenário não fora inusitado, afinal a relação da inteligência dos EUA com jornalistas e organizações noticiosas transcorriam os objetivos estadunidenses de tanto dar legalidade para seus agentes, como se utilizarem de noticiais como forma de propaganda, como parte de um modo de ação denominado “*soft power*”. As posições de Dubois sobre a Revolução inicialmente positivas, se deterioraram quando a Revolução

RESENHA DO LIVRO “REVOLUÇÃO CUBANA: ECOS, DILEMAS E EMBATES NA AMÉRICA LATINA”

DANIEL CARLOS DE SOUZA

passa a adotar características cada vez mais socialistas. Dubois passa então a tecer críticas negativas a respeito de Castro, acusando-o de adotar medidas autoritárias, além de ter tornado Cuba uma porta de entrada para o comunismo na América.

Na terceira parte da obra, Jean Rodrigues Sales apresenta no primeiro artigo a história da chamada Ação Popular (AP). Provinda a partir de um ideário de luta contra o capitalismo aliado com concepções humanistas discordante das noções hegemônicas da presente URSS, a AP, surge a partir de uma esquerda cristã em formação. Provinda da Junta Universitária Católica (JUC) e de seu choque com as estruturas da Igreja, a mesma participou de discussões nos 1970-80 no que tange a possibilidade de um socialismo aliado de um humanismo e mais democrático. Tal cenário se modifica com o golpe civil-militar de 1964, o que modificou seu rumo, enfatizando a necessidade da luta armada, além de uma forte influência do “foquismo” presente no processo cubano. Apesar de tal adesão, esta não foi unânime, tendo alguns setores da AP acusado tal ideologia de ser revisionista, negando o papel do partido ou qualquer protagonismo da classe operária. De maneira que após viagens a China, parte deste setor crítico do foquismo passou de forma paulatina a adotar o maoísmo. Em suma, tal desenvolvimento da AP dentro do marxismo demonstra que antes que estes alcançassem sua definição maoísta e adentrassem posteriormente ao PC do B, táticas emanadas da Revolução Cubana estiveram em seus círculos de discussão.

Já Rafael Viana da Silva debate a influência da revolução cubana dentro dos setores anarquistas no Brasil, Argentina e Uruguai. Entre os anos de 1940-50 no Brasil o anarquismo passava por um processo de reorganização, pelo qual a Revolução Cubana entra neste contexto aparecendo em seus periódicos como um fator de influência para a organização. Porém, ainda que formulassem críticas a Revolução, estas não se centravam inicialmente no processo, antes sobre a figura de Fidel Castro, pelo menos até a virada desta para o socialismo, quando a crítica se voltou para tal desvio. No contexto argentino, semelhante ao brasileiro, estes também criticavam os atos ditatoriais de Castro, assim como seu anúncio da virada de Cuba para uma visão marxista-leninista. A crítica mais elevada para estes se encontrava, porém, no fim da diversidade da esquerda, com a consequente ascensão do unipartidarismo.

No Uruguai, a influência cubana fora muito mais sentida explicitamente no movimento, provavelmente devido ao fato de estarem estes reunidos dentro de uma mesma organização. A FAU tomou Cuba como tema de suma importância, pois apresentava um enfrentamento ao imperialismo e o uso de métodos combativos. Para estes, Cuba demonstrava uma terceira via socialista dentro da planificação bipolar da Guerra Fria. Em suma, o processo cubano era uma prova viva de que a via revolucionária ainda era possível. Outro impacto dentro da FAU, fora a sua cisão em dois grupos, de um lado aqueles apoiadores da Revolução Cubana e defensores de uma política mais programática para além de união apenas entre anarquistas pela identidade filosófica, do outro, estruturas com maior unidade e disciplina interna.

Izabel Pimentel da Silva aborda a influência da Revolução Cubana para a formação de uma nova esquerda na América Latina. Tanto este processo tornou-se referência para estes meios, como deu nova vida ao internacionalismo latino-americano, para além das modelações soviéticas. Modelações estas, que sofreram duras críticas após o secretário-geral Khrushchev divulgar os crimes de Stálin, o que balançou a

RESENHA DO LIVRO “REVOLUÇÃO CUBANA: ECOS, DILEMAS E EMBATES NA AMÉRICA LATINA”

DANIEL CARLOS DE SOUZA

posição de muitas esquerdas ligadas ao stalinismo. A partir disto, tal modelação entra em um espaço onde os aspectos do latino-americanismo se relacionam com o terceiro-mundismo para esquerdas que então se resignificavam suas perspectivas de internacionalismo, através agora do seu exemplo caribenho.

Já Elisa de Campos Borges e Joana Salém Vasconcelos apresentam a importância da Revolução Cubana dentro do processo revolucionário chileno. Reconhecendo as divergências entre tais projetos, a revolução adentra como um rosto múltiplo e heterogêneo, na qual o socialismo seria alcançado pela expansão por meio da via democrática. Analisando a passagem de Fidel Castro pelo Chile, o tom amistoso entre o revolucionário cubano e o presidente Salvador Allende – dotado de interesses diplomáticos e geopolíticos – foram parte de diálogos que evidenciavam um entendimento da conjuntura latino-americana. Apresentando assim, um projeto de revolução socialista heterogênea e multifacetada, ao qual compreendia a necessidade de adaptação, além é claro de demonstrar uma tentativa de legitimidade allendista para sua trilha revolucionária por meio do apoio de Castro.

No último capítulo do livro, Rafael Araujo e Tiago Silva apresentam um cenário onde tanto Fidel Castro, quanto Hugo Chávez buscam retomar o passado anticolonial e de luta por independência como forma de legitimar seus movimentos. No caso de Chávez em específico, ele buscou vincular sua imagem ao dos grandes líderes revolucionários do século XIX, em especial Simón Bolívar. Neste quadro, o mesmo buscou despertar o nacionalismo no povo venezuelano suscitando aspectos favoráveis na figura de Bolívar -e suprimindo outras facetas, como seu autoritarismo-, para assim construir uma figura revolucionária, integradora e legitimista do bolivarianismo. Contudo, apesar dos autores concordarem com a utilização da imagem do Bolívar como uma figura revolucionária, estes consideram um anacronismo por parte do chavismo ao vincular Bolívar ao socialismo, pois antes, seus ideais de liberdade eram pautados no iluminismo. Por fim, a Revolução Cubana permanecia neste quadro de relações, ainda que com várias discordâncias, especialmente no que tange a proposta de “socialismo do século XXI”, como uma referência para o chavismo.

Em uma forma geral, tal obra coletiva reuniu uma série de artigos clarificadores não apenas aos desdobramentos das estruturas políticas produto da Revolução, quanto abriu uma visão mais ampla no que tange a influência desta para as esquerdas, além de toda sua repercussão para a imprensa contemporânea ao processo. Diferente de muitos temas revolucionários ao qual parecem distantes, os desdobramentos do caso cubano não cessaram, como ainda estão a nossa porta, suscitando acalorados debates. De mesmo modo, Cuba também não parou temporalmente, suas estruturas apenas não são estáticas, como ainda ressoam como um impasse diplomático no continente até então. Tal temática se adentra em um envoltório de interesses e posicionamentos que transcorrem décadas e que ainda marcam uma América Latina do século XXI.

A Revolução Cubana se trata como parte de uma luta com desenvolvimentos, aos quais muitos destes autores, mesmo alguns batalhando contra problemas em suas fontes, conseguiram clarificar. De maneira que a oposição que esta fez frente a hegemonia dos EUA, cooperou a resignificar parte de uma luta que se transfere para grupos da esquerda e que articula identidades agora com uma influência no vizinho ao lado.

**RESENHA DO LIVRO “REVOLUÇÃO CUBANA: ECOS, DILEMAS E EMBATES NA
AMÉRICA LATINA”
DANIEL CARLOS DE SOUZA**

Notas

¹ Graduando em História pela UERJ

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SALES, Jean; ARAÚJO, Rafael; MENDES, Ricardo; SILVA, Tiago, org. *Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracaju: IFS, 2019.